

Qualidade e Educação a Distância: a Percepção dos Diplomados do Curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina

Quality and Distance Education: Graduated Perceptions about Federal University of Santa Catarina Management Course

ISSN 2177-8310
DOI prefix. 10.18264

Karin Vieira da Silva¹, João Peixoto^{2*}, Anderson Sasaki Vasques Pacheco³

Resumo

Tem sido divulgada a ideia de que a Educação a Distância, apesar da possibilidade de expansão do acesso ao ensino superior que comporta, sofre algumas limitações, que passam pela percepção, quer dos alunos quer de outros agentes relacionados com o ensino superior que a Educação a Distância tem frequentemente qualidade inferior aos cursos presenciais. Sabe-se pouco, porém, sobre o conteúdo e os fundamentos dessas percepções, bem como sobre a forma como elas têm evoluído no tempo. Este artigo pretende repensar essa lacuna por meio de um estudo de caso no curso de Administração a distância da Universidade Federal de Santa Catarina. Portanto, o artigo tem como objetivo verificar as percepções dos egressos do curso quanto à qualidade de seu ensino. Para o alcance desse objetivo, foram coletadas informações de ordem qualitativa, por meio de entrevistas, e quantitativa, por meio de questionários, junto aos alunos diplomados entre os anos de 2010 e 2014, em diferentes polos dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os dados foram analisados por meio de análise de conteúdo e de análise descritiva simples. Os principais resultados apontaram, em linhas gerais, que os diplomados demonstraram estar satisfeitos com a experiência na graduação e que o curso realizado ainda sofre preconceitos relativamente à questão da qualidade e à seriedade da modalidade a distância. Entretanto, verificaram-se indicativos de que essa visão receosa vem diminuindo, sobretudo quando o curso é conduzido por instituições já consolidadas, como a Universidade Federal de Santa Catarina.

Palavras-chave: Educação a distância, Universidade Aberta do Brasil, Percepção dos alunos.

¹ Professora doutora da Unifebe.
R. Dorval Luz, 123 - Santa Terezinha,
Brusque - Santa Catarina - Brasil.
vieira.karin@gmail.com

² Professor doutor, Socius/Iseg/
Universidade de Lisboa. Rua do
Quelhas, 6 - Lisboa - Portugal.
jpeixoto@iseg.ulisboa.pt

³ Professor doutor da Unifebe.
R. Dorval Luz, 123 - Santa Terezinha,
Brusque - Santa Catarina - Brasil.
sasaki.anderson@gmail.com

Recebido 19/05/2017
Aceito 28/11/2017
Publicado 28/12/2017

Quality and Distance Education: Graduated Perceptions about Federal University of Santa Catarina Management Coursee

Abstract

It has been spread the idea, which distance learning, despite the possibility of expanding access to higher education, suffers from some limitations. The mainly thought, perceived both by students and other agents related to higher education, regards to the lower quality of distance education. However, there is lack of studies about the content and rationality of these perceptions, as well how they have evolved over time. This article intends to fill this gap through a case study in distance learning management course of the Federal University of Santa Catarina – Brazil. To reach this objective, it was used both qualitative and quantitative data, through interviews and through questionnaires, respectively. The sample comprised students who graduated between 2010 and 2014, in different campus of the states of Santa Catarina and Rio Grande do Sul. Data were analyzed through content analysis and descriptive analysis. The main results pointed out, in general terms, that graduates were satisfied with their undergraduate experience and that the course still suffers from misconceptions about distance education quality and seriousness. However, there have been indications that this view has been declining, especially when they are offered by good reputation institutions, such as the Federal University of Santa Catarina.

Keywords: *Distance learning, Brazil Open University, Students perceptions*

1. Introdução

Já na década de 1960, a importância da educação para o desenvolvimento econômico e social apresentava grande relevância, com discussões sobre uma economia da educação e os seus reflexos em âmbito econômico e social. Gomes (1964, p. 654) então ressaltava que “a importância assumida pela educação na promoção do desenvolvimento econômico é hoje testemunhada pela atenção que lhe é concedida universalmente” e dava indicativos de que “as inúmeras obras consagradas aos problemas da educação e do desenvolvimento apresentam-nos uma verdadeira ‘economia da educação’, com todas as suas implicações no crescimento econômico e no progresso social das comunidades”.

Atualmente, na consolidada sociedade e economia do conhecimento, os sujeitos são os elementos centrais, dos quais depende o bom desempenho das organizações. Correia e Pereira (2006) destacam que os incrementos de produtividade já não se baseiam nas habilidades e força física dos trabalhadores, porque, nessa nova economia, a performance organizacional está ancorada nas capacidades intelectuais dos indivíduos, “cujo alicerce é o conhecimento tácito, não obstante a importância estratégica que assume o conhecimento explícito” (Correia; Pereira, 2006, p. 70).

Segundo os autores, para a dinâmica do mercado atual e para o fortalecimento de atividades inovativas na economia contemporânea, a produção, aquisição, absorção, reprodução e disseminação do conhecimento são aspectos fundamentais (Correia; Pereira, 2006). Entretanto, mesmo a educação e o conhecimento sendo fatores primordiais na economia e sociedade atuais, o acesso à educação, segundo Borges, Jesus e Silva (2014), esteve por muito tempo restrito a uma pequena parcela da população, proveniente da elite e da alta cultura, que utilizava os espaços escolares para perpetuar as suas próprias práticas e tradições.

Contudo, os autores destacam que essa realidade vem se transformando nas últimas décadas, especialmente no que se refere ao aumento das possibilidades de acesso à educação e a sua consolidação como direito universal (Borges; Jesus; Silva, 2014, p. 88). No caso do Brasil, algumas iniciativas vêm ao encontro da democratização do acesso ao ensino, como é o caso da Universidade Aberta do Brasil, que oferece cursos de ensino superior por meio da Educação a Distância.

A modalidade a distância de educação não é recente, mas ganhou relevância e popularidade com o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, que ampliaram significativamente as possibilidades de interação entre os envolvidos no processo educativo e a exploração de diferentes recursos didáticos e pedagógicos. Porém a Educação a Distância ainda encontra grandes desafios, especialmente no que se refere à sua concretização como forma de ensino-aprendizagem válida e credível.

A EaD pode ser entendida, em sua configuração atual, como “um sistema tecnológico de comunicação bidirecional” que, por meio da ação e interação de diferentes recursos didáticos e do suporte oferecido por uma organização e tutoria, é capaz de substituir a interação pessoal entre professor e alunos em sala de aula, como forma preferencial de ensino, e proporcionar aos estudantes uma “aprendizagem independente e flexível” (Aretio, 1994, p. 14).

O potencial da Educação a Distância, para alguns autores, reside em sua flexibilidade, em sua capacidade para superar as barreiras geográficas (Rodríguez; Caro, 2002) e em seu potencial para democratizar o ensino (Nunes, 2009). Contudo, apesar da visão positiva de alguns autores e da evolução significativa das ferramentas que apoiam a modalidade a distância de educação, ela ainda é vista por muitos com desconfiança. Aspectos relacionados à qualidade do ensino oferecido e questões sobre a autonomia e a emancipação dos alunos são espectros que rondam a temática, assim como críticas a respeito da mercantilização e instrumentalização do ensino afetam a Educação a Distância.

De acordo com Lapa (2005, p. 124), há dois caminhos possíveis para a EaD. No primeiro, ela se volta para o mundo da vida, pautada em uma racionalidade comunicativa entre os sujeitos e no “poder comunicativo e de esferas políticas públicas de expressão de demandas sociais das “periferias” do sistema político”. No segundo, a EaD age sem “nenhum compromisso, seguindo uma lógica instrumental e voltada para os sistemas e procura, tendencialmente, ‘colonizar’ o mundo da vida”. Para a autora, a Educação a Distância possui o potencial necessário para trilhar qualquer um desses caminhos. Entretanto, “a opção não passa por requisitos tecnológicos, e sim por uma questão de opção política dada em outro nível” (Lapa, 2005, p. 124).

Vale ressaltar que a Educação a Distância não deve ser “uma forma facilitada de obtenção de diploma e muito menos uma fábrica de estatísticas de alunos formados”, mas, ao contrário, deve ser utilizada como “instrumento de aprendizagem e oportunidade que viabiliza maior flexibilidade nos horários e a possibilidade de se construírem pontes para levar a educação aos mais diversos lugares”, observando a qualidade necessária para formar sujeitos críticos (Bueno; Soares, 2014, p. 2).

No Brasil, uma experiência de Educação a Distância ao nível das universidades públicas e gratuitas encontra-se em andamento e se intitula Programa Universidade Aberta do Brasil (UAB). Ele teve seu início por meio de um esforço do Ministério da Educação (MEC), visando a inclusão e a democratização educacional via oferta de educação em nível superior em âmbito nacional. De acordo com Bueno e Soares (2014), um dos motivadores foi a limitação de vagas nas universidades federais. Com isso “o MEC viu na UAB a possibilidade de democratizar, expandir e interiorizar o ensino superior público e gratuito no País, com apoio da Educação a Distância e a incorporação de novas metodologias de ensino, especialmente o uso de tecnologias digitais” (Bueno; Soares, 2014, p. 5).

Políticas voltadas para a ampliação da educação, tais como a Universidade Aberta, vão ao encontro do cumprimento da Constituição Federal brasileira, que, conforme Borges, Jesus e Silva (2014), estabelece que a educação é um direito de todos os indivíduos e deve-se prezar pela igualdade de condições e acesso. Dessa forma, programas dessa natureza visam “auxiliar a inserção educacional do público que até hoje esteve excluído da política educacional, devido, principalmente, à sua condição social e econômica” (Borges; Jesus; Silva, 2014, p. 88). A UAB se constitui por um “sistema integrado por universidades públicas que oferece cursos de nível superior para camadas da população que têm dificuldade de acesso à formação universitária, por meio do uso da metodologia da Educação a Distância” (UAB-BR, 2015a).

De acordo com o Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006, a UAB foi instituída com o objetivo de fomentar “o desenvolvimento da modalidade de Educação a Distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no país”. Segundo a UAB-BR (2015b, s/p), a Universidade Aberta desempenha os seguintes papéis:

Fomenta a modalidade de educação a distância nas instituições públicas de ensino superior, bem como apoia pesquisas em metodologias inovadoras de ensino superior respaldadas em tecnologias de informação e comunicação. Além disso, incentiva a colaboração entre a União e os entes federativos e estimula a criação de centros de formação permanentes por meio dos polos de apoio presencial em localidades estratégicas.

A iniciativa acredita que a atuação das universidades públicas em regiões remotas pode contribuir para o desenvolvimento de localidades com baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) e de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), ao desempenhar um papel voltado para

a universalização do acesso ao ensino superior e para a requalificação do professor em outras disciplinas, fortalecendo a escola no interior do Brasil, minimizando a concentração de oferta de cursos de graduação nos grandes centros urbanos e evitando o fluxo migratório para as grandes cidades (UAB-BR, 2015b, s/n).

Nesse contexto, para trilhar o caminho e consolidar uma Educação a Distância de qualidade e capaz de contribuir para uma dinâmica positiva de desenvolvimento, julga-se importante perceber, primeiramente, quais são as impressões dos alunos que já passaram por essa modalidade de ensino. Assim, esta pesquisa tem o intuito verificar as percepções dos egressos do curso de Administração a distância quanto à qualidade de seu ensino. Para atingir esse objetivo, o presente artigo apresentará os resultados de uma pesquisa realizada com alunos egressos do curso de Administração a distância da Universidade Federal de Santa Catarina residentes em regiões interioranas dos Estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

2. Metodologia

Na presente pesquisa optou-se por utilizar tanto a orientação quantitativa como a qualitativa de pesquisa. De acordo com VÍctora, Knauth e Hassen (2000), o método quantitativo e o método qualitativo de investigação são diferentes, mas não são excludentes. A utilização conjunta dessas duas abordagens consiste numa estratégia de validação das informações empíricas.

Quanto à pesquisa quantitativa, destaca-se que ela se caracteriza pela utilização de dimensões quantificáveis nos processos de coleta de dados e pelo uso de técnicas estatísticas para o seu tratamento (Sou-

za; Fialho; Otani, 2007). Dessa forma, utilizou-se a técnica de levantamento de dados também denominada survey, que é uma investigação em que se coletam dados para descrever e estimar as características de determinada população por meio de técnicas estatísticas (OECD, 2015). A opção pela utilização da orientação qualitativa justifica-se pelo anseio de analisar o fenômeno com abrangência e profundidade, no que se refere aos aspectos essenciais de uma pesquisa social, tais como valores, atitudes e opiniões (Silva; Menezes, 2001).

Para atender o objetivo desta pesquisa, foram escolhidas localidades que não se caracterizam como grandes centros urbanos, pois se anseia perceber a atuação da Educação a Distância onde ela é potencialmente mais relevante – em territórios com acesso ao ensino superior público limitado.

A pesquisa compreende os alunos diplomados entre os anos de 2010 e 2014. Isto porque os primeiros bacharéis do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina datam do ano de 2010. A limitação no ano de 2014 ocorreu devido ao fato de a pesquisa de campo ter iniciado em 2015. Esse recorte delimitou o universo de pesquisa a 132 alunos. Destes, 53 estudaram em polos catarinenses (25 na cidade de Laguna e 28 em Tubarão) e 79 no Estado do Rio Grande do Sul (13 em São Francisco de Paula, 19 em Tapejara, 21 em Tio Hugo e 26 em Jacuizinho).

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados questionário e a entrevista semiestruturada. O questionário foi construído e alojado na plataforma Google Forms, que registra os dados em planilhas virtuais. Partindo dos dados de contato dos alunos fornecidos pela secretaria do curso de Administração a distância da Universidade Federal de Santa Catarina, foram realizados contatos intervalados via e-mail, contato telefônico e envio de mensagens via telefone e Facebook com o intuito de obter respostas aos inquéritos.

Dessa forma, obteve-se uma taxa de respostas de 47,7%. No total, o questionário era composto de 74 questões, contendo tanto perguntas abertas quanto fechadas. Ressalta-se que o inquérito foi desenvolvido em consonância com uma pesquisa de levantamento da Universidade Aberta de Portugal.

No que tange às entrevistas realizadas, destaca-se que a seleção das pessoas interrogadas obedeceu a um número limitado de indivíduos e teve o seu valor determinado pela sua “adequação aos objetivos da investigação, tomando como princípio a diversificação das pessoas interrogadas e garantindo que nenhuma situação importante foi esquecida” (Quivy; Campenhoudt, 2005, p. 103).

Dessa forma, foram entrevistados seis coordenadores de polo (sigla Cⁿ), nomeadamente nos municípios de Jacuizinho, Tio Hugo, São Francisco de Paula, Tapejara, Laguna e Tubarão. Além desses, foram entrevistados oito tutores (sigla Tⁿ) presenciais: um em Jacuizinho, um em Tio Hugo, um em São Francisco de Paula, dois em Tapejara, um em Laguna e um em Tubarão. Quanto às entrevistas com os alunos (sigla Aⁿ), a amostra incluiu 24 entrevistas com diplomados.

Procurou-se contemplar todos os polos de ensino pesquisados. Por isso, houve a participação de cinco alunos de Jacuizinho, cinco alunos de Tapejara, três alunos de Tio Hugo, três alunos de São Francisco de Paula, três alunos de Tubarão e cinco alunos de Laguna. A realização das entrevistas ocorreu no decorrer do ano de 2015 e início de 2016 e tiveram duração média de 45 minutos. Elas foram encerradas após a consideração da saturação dos dados, que implica que as informações passem a repetir-se ou elementos novos deixem de aparecer (Albarello et al., 1997, p. 104).

Para a análise dos dados quantitativos, optou-se pelo uso da estatística descritiva, que se baseia na soma dos dados e criação de ferramentas de análise, tais como gráficos e tabelas (Huot, 2002; Reis et al., 1996). Como suporte para a análise dos dados quantitativos, recolhidos mediante a aplicação de questionários, foi utilizado o software SPSS, versão 22. O tratamento dos dados estatísticos recorreu a uma análise descritiva simples, apresentada por meio de gráficos e tabelas.

A análise do material recolhido por meio das entrevistas contou com a utilização da técnica de análise de conteúdo, baseada nas orientações de Bardin (2004), que destaca três etapas fundamentais: a pré-análise (organização do material recolhido), a descrição analítica e o tratamento dos resultados (interpretação dos dados).

Particularmente nesta pesquisa analisaram-se os seguintes critérios: i) exames/provas; ii) atividades formativas e de avaliação contínua; iii) apoio dos serviços administrativos; iv) aprendizagens realizadas ao longo do curso, e; iv) plano de estudos e conteúdo; v) percepção dos contatos profissionais sobre o curso realizado; vi) decisão que o aluno teria tomado se pudesse voltar atrás.

3. Resultados e Discussão

A apresentação do estudo realizado nesta pesquisa está subdividida em duas partes. A primeira descreve brevemente o surgimento e o formato do curso de Administração a distância da Universidade Federal de Santa Catarina. A segunda parte apresenta a percepção dos egressos sobre o curso de Administração a distância da Universidade Federal de Santa Catarina, com base nos critérios delineados na seção de metodologia da pesquisa.

3.1 O curso de Administração a distância da Universidade Federal de Santa Catarina

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi fundada em 1960 e é considerada uma das melhores instituições de ensino superior do Brasil e da América Latina (Pacheco, 2010). A UFSC possui câmpus em cinco cidades do Estado de Santa Catarina: em Florianópolis (câmpus central da instituição), Blumenau, Araranguá, Curitibanos e Joinville (UFSC, 2015).

O curso de graduação em Administração na forma presencial é tradicionalmente oferecido pela instituição, que adotou a modalidade a distância em resposta à necessidade de atender alunos provenientes de regiões com acesso dificultado ao ensino superior público e profissionais em serviço que necessitam de formação em nível universitário (Pacheco, 2010).

O ingresso ao curso é feito por meio de processo seletivo realizado pela Comissão Permanente do Vestibular (Coperve) da Universidade Federal de Santa Catarina. Entretanto, ao contrário dos cursos presenciais da instituição, na modalidade a distância os processos seletivos não são regulares, sendo divulgados mediante editais de oferta de cursos. O curso é constituído de nove semestres, totalmente gratuito e desenvolvido em regime semipresencial; durante o semestre, os alunos devem comparecer aos polos de ensino para realização de avaliações e seminários (EaD-UFSC, 2015).

A plataforma virtual utilizada é Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment), um *software* livre que oferece suporte à aprendizagem em ambientes virtuais; o desenvolvimento das atividades está apoiado nos seguintes recursos didáticos: livro-texto, videoaulas, *chats*, tutoria a distância, tutoria presencial e videoconferências (EaD-UFSC, 2015; Bunn; Silva, 2014).

O processo de avaliação é realizado de forma *on-line* e presencial, e depende do plano de ensino de cada disciplina. Entretanto, alguns componentes estão constantemente presentes, obedecendo ao Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, Art. 4º, que determina os seguintes aspectos e instrumentos:

A participação do estudante nas atividades *on-line* em contato com os professores; a participação nas atividades de comunicação, síncronas e assíncronas, propostas no ambiente virtual de ensino e aprendiza-

gem; a percepção, pelos tutores, do aproveitamento individual de cada estudante; a execução e a entrega das tarefas propostas como complemento das atividades individuais e/ou em grupo; a prova escrita de caráter individual e presencial é instrumento obrigatório em todas as disciplinas curriculares (Bunn; Silva, 2014, p. 55).

A equipe responsável pelo acompanhamento dos alunos é formada basicamente por coordenadores do curso, professores-pesquisadores, supervisores de tutoria, tutores a distância e tutores presenciais (Bunn; Silva, 2014).

Até o momento foram concluídos dois projetos-piloto e uma edição do curso. Outras três edições encontram-se em andamento. O curso foi ofertado em diversas regiões do Brasil. Nesse âmbito, foram diplomados mais de 600 alunos e uma parcela significativa encontra-se a cursar a graduação.

3.2 A percepção dos egressos sobre o curso de Administração a distância da Universidade Federal de Santa Catarina

Nesta pesquisa buscou-se perceber a satisfação dos diplomados sobre diversos aspectos relacionados ao curso e às redes de relacionamento criadas por eles. Ao tratar a satisfação dos alunos no que respeita os exames/provas realizadas ao longo do curso, nota-se que 95,3% se encontram satisfeitos ou muito satisfeitos.

Relativamente às atividades formativas e de avaliação contínua, verificou-se também um índice elevado de satisfação, com 85,7% dos participantes respondendo que estão satisfeitos ou muito satisfeitos. Em nível bastante semelhante de acato estão os serviços de apoio administrativo, com 84,1%. Entretanto, foram esses dois aspectos que suscitaram os maiores valores entre as pessoas pouco satisfeitas, com 14,3% e 15,9%, respectivamente.

Os maiores índices de alunos satisfeitos e muito satisfeitos estão relacionados com as aprendizagens realizadas ao longo do curso e com o plano de estudos e conteúdo, com valores de 98,4% e 100%, respectivamente (Gráfico 1).

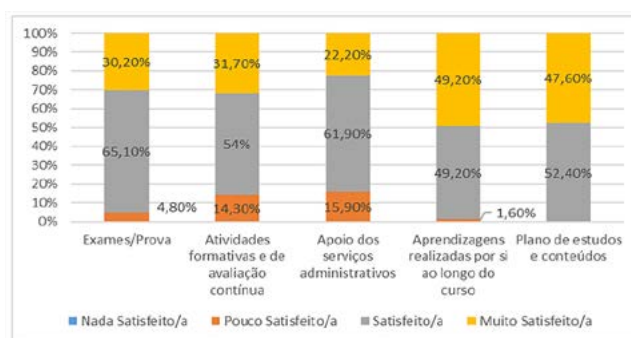


Gráfico 1: Satisfação na frequência do curso na UAB-UFSC.

No que tange à percepção dos contatos profissionais a respeito da graduação realizada na UAB-UFSC, 55,6% acreditam que o curso de Administração é tão valorizado quanto os outros. Outros 38,1% dos alunos afirmam que a graduação realizada é bastante valorizada, dentro de sua área científico-profissional. E 6,3% atestam que é graduação desvalorizada em face de outros da mesma área científico-profissional (Gráfico 2).

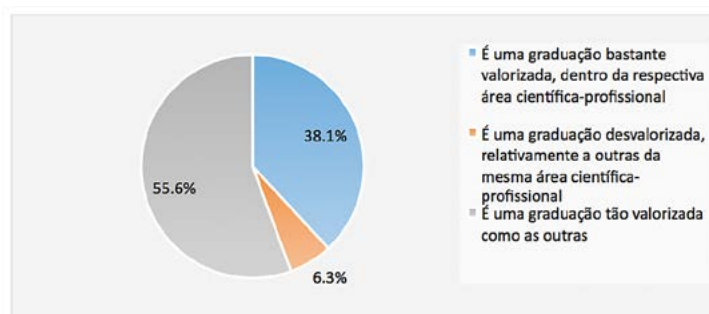


Gráfico 2: Percepção dos contatos profissionais sobre a graduação da UAB-UFSC.

Entretanto, nas entrevistas foi possível verificar que tanto alunos como coordenadores e tutores percebem a existência de certo preconceito com a modalidade a distância que implica dificuldades para aceitação da modalidade pela comunidade e até mesmo por parte dos governos locais. Contudo, muitos afirmam que essa percepção é equivocada e está mudando progressivamente. Os coordenadores 1 e 6 relatam a resistência local em relação à modalidade a distância: “O pessoal, quando entra, acha que a modalidade a distância vai ser barbadada, que vai ser fácil e não vai precisar estudar, ‘não vou precisar fazer nada’, e é bem o contrário” (C6).

Nós tínhamos uma cooperativa, um banco, na verdade, de crédito, e no começo eles não aceitavam os candidatos do nosso polo, mas agora eles estão aceitando, tem três, quatro alunos que estudam aqui. A resistência é muito grande (...). A gente criou um caminho que não foi tão fácil, cheio de pedras, bem complicado. Porque primeiro perguntavam: “Tem diploma? Nós vamos receber o diploma?”. Aí, foi o comentário que era tudo falsificado, que não iam receber diploma. Tivemos que fazer um trabalho [para desmentir o fato]. “Vão aprender? Não vão aprender? Não vão aprender nada! É a distância” (...). E agora é assim: “olha, todos os alunos que se formaram estão trabalhando nos municípios vizinhos do polo” (C1).

Os alunos 4, 6 e 23 ressaltam a existência de certa desconfiança relativamente à EaD que impacta até mesmo o posicionamento do governo local sobre a temática:

A primeira ideia que se tinha do curso em EaD quando se ingressou era de que era entrar e se formar, e logo de cara foi visto que não era assim, que não ia ser “facilzinho”. Ontem, por exemplo, eu conversei com um professor de Arquitetura e que ele está meio em cima do muro com a EaD. Antes ele não gostava e ontem ele conversou comigo e disse que também tinha outra pessoa que fez e que ela mencionou que teve muita cobrança e ele começou a pensar que a modalidade a distância não é assim tão tranquila, não é algo só para vender o diploma, o problema está na instituição que faz isso (A4).

O entrevistado 6 acredita que a designação “a distância” carrega um significado negativo que interfere na forma como as pessoas entendem o curso:

A maneira como as pessoas veem um curso a distância que é o complicado. Num curso a distância tu só não estás de forma presencial no polo (...). Então, o que eu vejo é que o nome “a distância”, talvez, pega

meio mal, se mudasse o nome (...) porque a ideia é de que tu não precisas fazer muita coisa (...), se tu não falas, ninguém vai saber [do esforço empreendido no curso] (A6).

O relato do entrevistado 23 descreve uma situação em que o Poder Público põe em causa a efetividade da educação a distância:

Eu lembro que na época em que trocou o prefeito da cidade, ele falou que a Educação a Distância não tinha fundamento nenhum, não servia para nada, que era faz de conta, que ninguém aprendia nada. Então, o preconceito é grande e existe até hoje. Dizem “ah, porque no meu tempo a gente sentava na cadeira da escola para escrever, para estudar e agora querem fazer tudo pela internet”. Então, o preconceito ainda existe. Mas, hoje, o fato de as pessoas verem os outros se formando, progredindo, tem feito com que mais gente também procure [a Educação a Distância] (A23).

De acordo com os tutores, mesmo os alunos apresentam certo receio em ingressar em um curso a distância, devido à sua percepção sobre o curso e a de seus pares: “Quando eles entraram no curso, muitas vezes eram criticados até pela própria família: ‘Ah, vai fazer um curso a distância, vai ganhar um diploma’” (T1).

O ponto principal é a visão da Educação a Distância, porque eles mesmos [os alunos], por mais que entrem no desafio de fazer um curso a distância, têm um receio: “vou fazer uma faculdade, mas não vou aprender”. Então, no final, eu acredito que eles saiam [do curso] com uma visão diferente, positiva (T6).

Os depoimentos dos alunos a seguir demonstram a existência dessa visão negativa da Educação a Distância, verificada em outros trabalhos, como o de Oliveira (2003), mesmo que após a realização do curso ela seja transformada: “É uma modalidade que acaba também mudando a ideia que a gente tem, de achar que por ser a distância é mais fácil, e não é verdade. Se não tiver dedicação, não vai conseguir” (A23). “Quando comecei a estudar, muitos comentavam que os certificados da EaD não eram tão bem aceitos no mercado como os de uma faculdade presencial” (A12). “Muitos fizeram por ser a distância, achando que seria fácil, mas depois foram vendo que não era brincadeira, não” (A22).

Eu acredito que o que *queima* muito [torna a imagem negativa] os cursos a distância é que a liberação é muito fácil, concedida muito fácil pelo MEC. Então as pessoas acham que pagam e ganham diploma. É essa a impressão que eu tenho. Quando eu falo que fiz o curso a distância, eu noto que existe um preconceito aqui no Brasil (A3).

Entretanto, este último aluno ressalta que, ao falar que o curso é oferecido por uma universidade federal, o preconceito com a Educação a Distância é atenuado e sobressai a imagem positiva de que as universidades federais gozam no Brasil: “Por ser federal, mesmo a distância, é muito conceituado” (A22). “Claro que ser um curso da universidade federal faz muita diferença. Não faria qualquer curso, não” (A21).

Mas quando eu falo que é pela Federal de Santa Catarina, que é gratuito, as pessoas veem que você não pagou nada, pela Federal é de graça.

“Sou formada pela Federal” (...); as pessoas ficam assim: “ah, acredito que, se foi por uma federal, que foi bom (A3).

Na mesma época em que eu cursei o curso da UFSC a distância, no polo de Tio Hugo, a minha cunhada cursou Administração na UPF [Universidade de Passo Fundo], aqui em Passo Fundo. Então a gente comparava as matérias, os professores, as disciplinas e tanto eu como ela chegamos à conclusão de que o da UFSC, mesmo sendo a distância, é melhor, sem dúvida. Os professores, o conteúdo, as disciplinas, eu achei superiores (A17).

A UFSC é uma instituição séria, ela está interessada em ensinar, em preparar as pessoas que vão levar o nome dela. Se você estivesse me entrevistando agora e a UFSC tivesse feito um trabalho relaxado, era isso que eu estaria te passando da instituição. Acho que ela observa isso, quando ela me prepara bem, me cobra, o retorno é eu dizer que a Universidade Federal de Santa Catarina é de uma excelência absurda, comparada com outras que conheço (A4).

Segundo os tutores, o fato de a instituição ser federal faz com que os alunos valorizem o curso e faz com que muitos graduados retornem ao ensino superior para obter o diploma de uma universidade federal: “Muitos [alunos] já têm outra graduação, mas querem uma graduação numa universidade federal, que faz toda diferença” (T1). “No geral é assim: o pessoal um pouco mais velho, não muito, mas que já fez uma graduação, está fazendo essa por ser gratuita, por ser UFSC” (T5). “Na minha turma eles dão valor mesmo: ‘ah, essa é uma universidade federal’” (T3). “Acho que a partir do momento que vinculou o nome da UFSC [o curso é mais valorizado]. Eles [os alunos] sempre repetem isso, que é um curso gratuito, e além disso é da UFSC” (T5).

Tanto que o diploma deles [alunos] eu acredito que, sendo de uma universidade federal, vai contar tanto quanto uma universidade presencial, particular; na verdade, até mais. Eu sempre digo para eles que, se eu fosse recrutar alguém, eu ia pegar alguém principalmente se ele fosse da universidade federal (T6).

A possibilidade de estudar em uma universidade federal aparece de forma recorrente no depoimento dos alunos como fator motivador de ingresso e interesse no curso: “A possibilidade de cursar uma faculdade federal (UFSC), totalmente gratuita, numa instituição de renome” (A10). “Era gratuita e [universidade] federal, conceituada, e na área que eu precisava (A11)”. “Foi uma questão de oportunidade na nossa região, gratuita por uma instituição bem conceituada como a UFSC” (A18).

Dessa forma, destaca-se que a imagem pública do curso de Administração da UAB-UFSC, nos ambientes profissionais em que os seus diplomados estão inseridos e comparativamente a outros cursos, é de modo geral bastante valorizada, conforme destacou o gráfico 2.

Estudos existentes demonstram que o preconceito pode ser reduzido por uma educação de qualidade ao utilizar ferramentas interativas que reduzam as barreiras culturais e negativas (Nova; Alves, 2003). As entrevistas permitiram perceber que ocorre também uma redução na negatividade existente da Educação a Distância, principalmente por causa prestígio que as universidades federais têm no Brasil, sendo frequentemente associadas à oferta de ensino de qualidade. Esse foi um fator motivador para ingresso dos alunos, que por vezes mudaram a sua percepção sobre a Educação a Distância. Importante relevar que a EaD, como visto nos depoimentos, ainda enfrenta preconceitos relacionados à qualidade do ensino oferecido. Preconceito que, no caso do curso aqui estudado, foi atenuado pela associação com a UFSC.

Portanto, a percepção verificada por Arieira et al. (2009), de que os acadêmicos reconhecem a importância da Educação a Distância, foi constatada; entretanto, os resultados verificados neste trabalho vão além do percebido pelos autores, de que os estudantes a distância preferem o modelo tradicional do ensino presencial, pois observou-se que os preconceitos são atenuados pela tradição da instituição.

Essa redução no preconceito é importante para o desenvolvimento de políticas públicas para o fomento da Educação a Distância no País, sobretudo porque a percepção negativa afasta recursos provenientes de empresas (Silva, 2003). Dessa forma, a vinculação da Educação a Distância a instituições de qualidade facilita a implementação do curso e pode reduzir preconceitos existentes quanto a essa modalidade de ensino.

A satisfação das expectativas da maioria dos alunos se reflete também na afirmação, por parte de 88,8% dos diplomados, de que se pudessem voltar atrás realizariam a mesma graduação na UAB-UFSC. Somente 3,2% afirmaram que teriam feito outra graduação em outras universidades. Esses números refletem uma ampla satisfação dos alunos com a realização do curso (Gráfico 3).

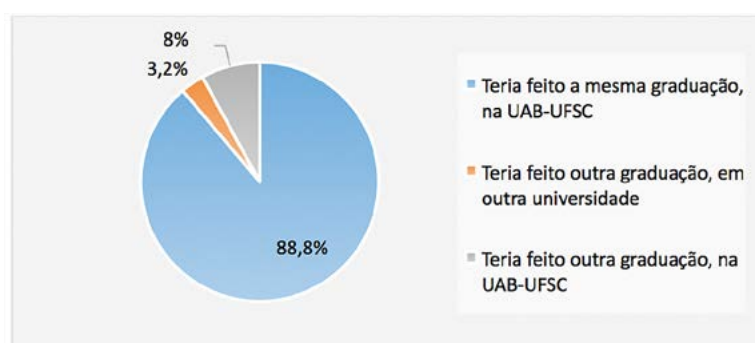


Gráfico 3: Decisão que teria tomado “se pudesse voltar atrás”.

Os depoimentos dos alunos revelaram que muitos deles, caso continuassem os estudos, gostariam de fazê-lo na modalidade a distância. Não houve casos em que a opção pela modalidade a distância fosse rejeitada. Quando muito, alguns ponderavam sobre a escolha da modalidade de acordo com a conveniência, em vista de seus estilos de vida, enquanto outros afirmaram que só continuariam os estudos exclusivamente na modalidade a distância.

4. Considerações Finais

Em linhas gerais, os diplomados do curso de Administração a distância da Universidade Federal de Santa Catarina demonstraram estar satisfeitos com a experiência que tiveram no decorrer da graduação. Verificamos que os aspectos com os quais os alunos demonstraram maior satisfação estão relacionados aos planos de estudos e conteúdo e às aprendizagens realizadas ao longo do curso.

O apoio dos serviços administrativos e as atividades formativas e de avaliação contínua, ainda que bem avaliados em sua generalidade, merecem atenção por apresentar os maiores níveis de insatisfação dentre os aspectos avaliados. Vale ressaltar que o apoio administrativo aos alunos a distância ocorre em dois níveis: nos polos de ensino, que geralmente estão mais próximos dos alunos e com os quais os alunos têm vinculação obrigatória, e pela coordenação do curso, que permanece no campus da UFSC, na cidade de Florianópolis. Portanto, julga-se importante uma avaliação criteriosa para identificar os motivos pelos quais os alunos não se sentem totalmente apoiados por tais serviços, uma vez que existem instâncias destinadas a isso.

Quanto às atividades formativas e de avaliação, ressalta-se que o curso oferece recursos didáticos, tais como atividades e fóruns virtuais, que podem ser utilizados pelos professores de acordo com a sua dispo-

sição. Além disso, são realizados seminários temáticos presenciais todos os semestres. Assim, acredita-se que a insatisfação de alguns alunos com essa questão pode estar relacionada tanto com a abordagem dos professores e tutores quanto com a forma como os recursos didáticos são utilizados e organizados. De qualquer forma, é assunto a ser investigado pelo curso, dado que a forma de avaliação pode comprometer seriamente a compreensão das aprendizagens realizadas pelos alunos no curso.

No que tange à percepção dos pares a respeito do curso realizado na UAB-UFSC, verifica-se que a modalidade a distância e, em consequência, o curso realizado pelos pesquisados ainda sofrem preconceitos (Oliveira, 2003; Corra; Santos, 2009; Lessa, 2011) relativamente à qualidade e à seriedade do ensino oferecido. Entretanto, os diplomados deram indicativos de que a visão receosa quanto à EaD vem decaindo e abrindo espaço para uma maior credibilidade da modalidade. No caso específico estudado, há uma contribuição para as pesquisas em Educação a Distância, pois observou-se que o prestígio gozado pelas universidades federais no Brasil reflete na percepção que os pares dos diplomados têm sobre os cursos oferecidos por elas. Logo, quando relacionado à Universidade Federal de Santa Catarina, o curso de Administração a distância compartilha de sua boa reputação e é visto com maior confiabilidade.

A satisfação geral das expectativas da maioria dos alunos se reflete também na afirmação de grande parte dos pesquisados, de que se pudessem voltar atrás realizariam a mesma graduação na UAB-UFSC. Portanto, verificamos que, ainda que a modalidade a distância encontre certa desconfiança quanto à sua efetividade, os diplomados entrevistados do curso de Administração da UFSC encontram-se, em geral, satisfeitos com as experiências e aprendizados que tiveram no decorrer da graduação. Isso fornece alguns indicativos sobre as configurações da Educação a Distância atualmente e sobre a sua possibilidade de atender as expectativas dos alunos que aderem a essa modalidade.

Por fim, dados os resultados encontrados, acredita-se que os conhecimentos dos ofertantes do curso possam ser de grande utilidade para outras instituições de ensino que desejem ofertar ou que já ofertem cursos na mesma modalidade e que se preocupam com a qualidade do ensino e satisfação de seus alunos.

Referências Bibliográficas

- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J. P., Maroy, C., Ruquoy, D. & Saint-Georges, P. (1997). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Aretio, L. G. (1994). *Educación a Distancia hoy*. Madri: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- Arieira, J. de O., Arieira, C. R. D., Fusco, J. P. A., Sacomano, J. B. & Bettega, M. O. de P. (2009). Avaliação do aprendizado via educação a distância: a visão dos discentes. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação*, 17(63). Disponível em <http://www.redalyc.org/html/3995/399537963007/>
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Borges, E. M., Jesus, D. P. & Silva, P. A. (2014). A educação a distância como política cidadã: potências e desafios. *Revista Pesquisa e Debate em Educação*, (3)2, 86-99.
- Bueno, J. A. R. & Soares, M. C. (2014). *Educação a distância: democratização, expansão e interiorização do conhecimento no Brasil*. In Simpósio Internacional de Educação a Distância e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância (SIED:EnPED:2014) (pp. 1-10). São Paulo, SP. Disponível em <http://www.sied-enped2016.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2014/article/view/722/206>
- Bunn, D. A. & Silva, E. A. S. (2014). *Guia do estudante*. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC.

- Corrêa, S. de C. & Santos, L. M. M. dos (2009). Preconceito e educação a distância: atitudes de estudantes universitários sobre os cursos de graduação na modalidade a distância. *Educação Temática Digital*, 11(1), 273.
- Correia, I. M. & Pereira, O. P. (2006). Spillovers do conhecimento e desenvolvimento regional: evidência de Portugal. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 13, 67-82.
- EaD-UFSC (2015). *Informações Gerais do Curso: Dúvidas frequentes*. Acesso em maio de 2015, disponível em <https://ead.ufsc.br/administracao/duvidas-frequentes-4/>
- Fontana, H. A. (2006). *Uma filosofia para a Educação a Distância*. In II Seminário Nacional de Filosofia e Educação (II SENAF) (pp. 1-7). Santa Maria, RS. Disponível em <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/049e4.pdf>
- Gomes, A. (1964). O desenvolvimento socioeconômico e a educação. *Análise Social*, 7(8), 652-670.
- Huot, R. (2002). *Métodos quantitativos para as ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lapa, A. (2005). *A formação crítica do sujeito na educação a distância: a contribuição de uma análise socioespacial*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Lessa, S. C. F. (2011). Os reflexos da legislação de Educação a Distância no Brasil. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*, 10, 18-28.
- Nova, C. & Alves, Lynn (2003) *Educação a Distância: limites e possibilidades*. Educação à distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura. Acesso em 20 de maio de 2015. Disponível em: http://lynn.pro.br/pdf/livro_ead.pdf
- Nunes, I. B. (2009). A história da EaD no mundo. In F. M. Litto, M. M. Formiga, (Orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- OECD (2016). *Glossary of Statistical Terms*. Acesso em 20 de julho 2016. Disponível em <https://stats.oecd.org/glossary/detail.asp?ID=2620>
- Oliveira, E. G. (2003). *Educação a distância na transição paradigmática*. Campinas: Papirus.
- Pacheco, A. S. V. (2010). *Evasão e permanência dos estudantes de um curso de Administração do sistema Universidade Aberta do Brasil: uma teoria fundamentada em fatos e na gestão do conhecimento*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Quivy, R. & Campenhoud T. L. V. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Reis, E. (1996). *Estatística descritiva*. Lisboa: Sílabo.
- Rodriguez, A. G. & Caro, E. M. (2002). La formación permanente y el e-learning: la experiencia de los ingenieros de minas de España. *Virtual Educa*. Valencia. Acesso em janeiro de 2014. Disponível em <http://www.virtualeduca.org/virtualeduca/virtual/actas2002/actas02/1009.pdf>
- Silva, E. L. & Menezes, M. E. (2001). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. (3ª ed.). Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Silva, M. (2003). *Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa*. São Paulo: Loyola.
- Souza, A. C., Fialho, F. A. P. & Otani, N. (2007). *TCC: métodos e técnicas*. Florianópolis: Visual Books.
- UAB-BR (2015a). *Histórico da Universidade Aberta do Brasil*. Acesso em maio de 2015. Disponível em <http://www.capes.gov.br/component/content/article?id=7838>

UAB-BR (2015b). *O que é a Universidade Aberta do Brasil*. Acesso em maio de 2015. Disponível em <http://www.capes.gov.br/component/content/article?id=7836>

UFSC (2015). *Campi*. Acesso em maio de 2015. Disponível em <http://estrutura.ufsc.br/campi/>

Víctora, C. G., Knauth, D. R. & Hassen, M. (2000). Metodologias qualitativa e quantitativa. In *Pesquisa Qualitativa em Saúde: uma introdução ao tema* (33-44). Porto Alegre: Tomo.